

PIONEIROS



Walter Bertolucci

Uma vida de trabalho e alegria na nova capital

Reprodução do livro *A epopéia da construção de Brasília*

VINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Ainda na cidade mineira de Uberaba, o mecânico Walter Bertolucci via caminhões passarem com a placa indicando o rumo da viagem: nova capital. Assim era designada Brasília nos idos de 1957, três anos antes de ser inaugurada e transformada, então, de fato na nova capital do Brasil. Sempre de olho nas placas, a curiosidade de Walter ia aumentando cada vez mais. Junto com a curiosidade havia a certeza de que o futuro na cidade era bem mais promissor. Afinal de contas, os mercados mineiro e paulista no ramo da mecânica de automóveis estavam cada vez mais inchados, ao contrário do brasileiro. “Aqui havia apenas uma certeza: a de que muito trabalho nos esperava”, confirma Walter.

Dessa forma, um ano depois de as placas se tornarem mais frequentes, em julho de 1958, Walter Bertolucci decidiu que seria mesmo um pioneiro. “Um amigo estava com o Land Rover dele quebrado e não tinha dinheiro para consertá-lo. Como ele estava vindo para cá, propus dar o conserto em troca da carona”, conta Walter, ressaltando que a troca foi imediatamente aceita. E assim Brasília ganhava mais um pioneiro, um dos únicos a se arriscar na área da mecânica de automóveis e, principalmen-

te, de caminhões. O mercado era tão bom que, em menos de cinco meses, Walter passara de empregado a sócio de uma oficina mecânica na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). “Morar na Cidade Livre era muito bom por causa da vizinhança e de estarmos, como o próprio nome da cidade já indica, livres do pagamento de impostos”, diz o mecânico.

Além de local de trabalho, a oficina de Walter servia também como moradia dele e da esposa, Maria Aparecida, que veio ao encontro do marido menos de oito meses depois da chegada dele

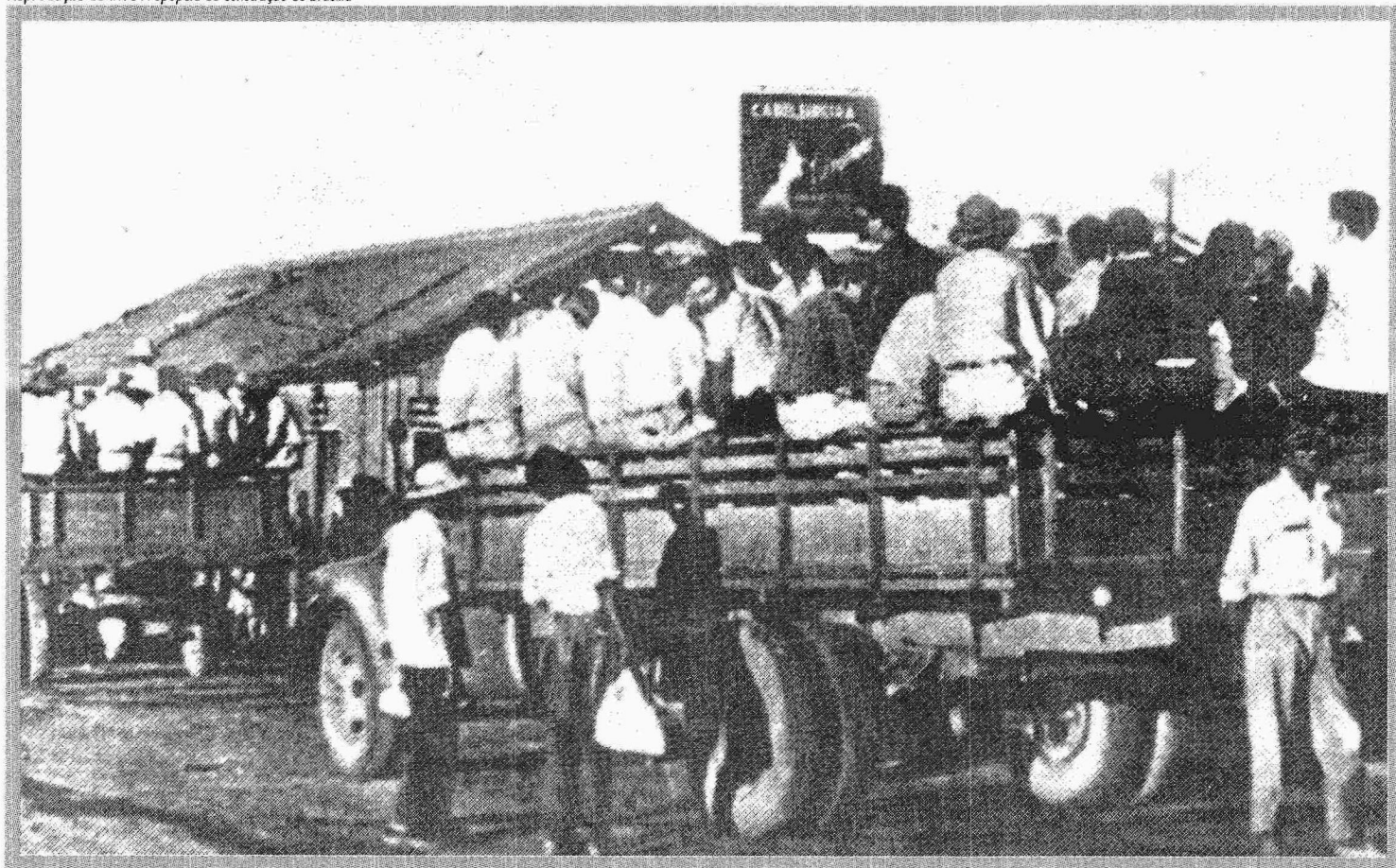
em solos brasileiros. “Naquela época, era muito difícil morar em Brasília. Não havia nem água nem energia elétrica para todo mundo, mas havia trabalho e precisávamos disso. Não podíamos deixar a oportunidade passar. Depois, fomos nos apegando à cidade, e antes mesmo da inauguração já brigávamos por Brasília”, conta Walter.

A falta de energia elétrica era suprida pelos Bertolucci por meio do gerador próprio que a oficina de Walter tinha e que abastecia também os vizinhos mais próximos. Já a água não era

conseguida tão facilmente. “Os meus trabalhadores iam tomar banho em bicas na Candangolândia e traziam galões de 200 litros de água no caminhão. Quem quisesse tomar banho quente tinha que esquentar água na chaleira”, lembra Walter, que chegou a manter em sua oficina cerca de 12 empregados. Todos trazidos de Minas Gerais e moradores da oficina. “Para caber todo mundo eu colocava beliches nos quartos, que iam quase até o teto”, diverte-se.

Uma das grandes paixões de Walter Bertolucci sempre foi ca-

NO TEMPO EM QUE WALTER VEIO PARA A NOVA CAPITAL, AS PESSOAS CHEGAVAM EM CAMINHÕES À CIDADE LIVRE



minhão. Por isso, não demorou muito para que ele virasse praticamente um especialista nesse assunto. Como a cidade ainda estava em construção, muitos eram os caminhões transportando materiais como areia e cimento que chegavam a Brasília. “Como o peso carregado nesses caminhões era muito grande, o eixo

PIONEIROS

Curioso com o destino dos caminhões que passavam por sua cidade rumo à nova capital, Bertolucci decidiu sair do saturado mercado mineiro para tentar a vida em Brasília

“NAQUELA ÉPOCA ERA MUITO DIFÍCIL MORAR EM BRASÍLIA. NÃO HAVIA NEM ÁGUA NEM ENERGIA ELÉTRICA PARA TODO MUNDO, MAS HAVIA TRABALHO E PRECISÁVAMOS DISSO. NÃO PODÍAMOS DEIXAR A OPORTUNIDADE PASSAR. DEPOIS, FOMOS NOS APEGANDO À CIDADE, E ANTES MESMO DA INAUGURAÇÃO JÁ BRIGÁVAMOS POR BRASÍLIA”



BERTOLUCCI GOSTA DE MANTER A FAMÍLIA TODA PERTO DELE. A PRIMEIRA FILHA NASCEU ANTES DA INAUGURAÇÃO DA CIDADE

de muitos deles não agüentava e acabava quebrando”, conta Walter, que não tinha a ferramenta elétrica para consertar tal problema, mas não se acanhava. “Consertei muito eixo usando ferramentas manuais mesmo”, orgulha-se o pioneiro. Em um desses consertos, Walter teve que se valer de toda a sua veia aventureira, pois o caminhão quebrado estava dentro de um riacho e a correnteza era grande. “No início falei que não ia, mas o dono do caminhão insistiu tanto e arrumou uma corda para me amarrar que eu acabei topando e fazendo o serviço ali mesmo”, lembra.

Em outra ocasião, Walter quase pôs a perder toda a carga de um caminhoneiro, que o chamou para acompanhá-lo até Luziânia. “Enquanto estávamos sem o carregamento, tudo bem. Mas na primeira subida com o caminhão carregado, o carro quase desceu por causa do peso. O dono da carga saltou do carro e pôs uma pedra para o caminhão não descer até que eu conseguisse sair”, lembra Walter, que garante ter avisado ao amigo que, aos 22 anos de idade, não sabia dirigir caminhões muito bem.

Mas o maior orgulho de Walter é mesmo ter atendido Juscelino Kubitschek duas vezes em sua oficina. Na primeira, em 1961, o ex-presidente ia inaugurar uma obra em Taguatinga — cidade-satélite onde Walter passou a morar naquele ano — e precisava de um carro para desfilarmos pela cidade. Mas não podia ser qualquer carro, tinha que ser um conversível. Coube a Walter a tarefa de arranjar um Barata 59 que caiu como uma luva para a ocasião. Na segunda vez, o ano já era 1963 e Juscelino precisava ir de Brasília para o Rio de Janeiro, mas não queria parar muitas vezes na estrada. “Tive a honra de ser procurado por JK para aumentar o tanque de gasolina do carro dele”, lembra Walter, com muito orgulho. Aliás, o contato com políticos era freqüente para o mecânico, pois era a oficina dele que prestava serviço para as três Forças Armadas e para vários ministérios também.

Além da bela trajetória profissional — Walter foi o fundador da WB Bertolucci, uma das primeiras empresas registradas em Brasília e a família Bertolucci até hoje está no ramo —, Walter se orgulha

muito de ter constituído sua família aqui em Brasília, cidade onde nasceram e moram seus oito filhos e oito de seus 11 netos. “Os outros três só não estão aqui porque moram fora do Brasil. Gosto de ter minha família perto de mim”, afirma. O pioneiro gosta de frisar que sua primogênita, Marilda, nasceu na Cidade Livre antes mesmo de Brasília, em dezembro de 1958. “Ela foi uma das primeiras crianças a nascer aqui, mas foi registrada em São Paulo porque Brasília não tinha cartório”, conta. Não tinha cartório nem um hospital bom para fazer partos, vale ressaltar. “Minha esposa começou a passar mal à noite e eu saí desesperado pela rua procurando ajuda até encontrar a casa de um médico, que foi quem fez o parto lá em casa mesmo”, conta Walter, que ainda teve outros dois filhos fora de hospitais. “Apesar de todas as dificuldades, tenho certeza que fiz a escolha certa ao vir para Brasília”, afirma Walter, acrescentando que a receita para que tanto a vida pessoal como a profissional deslanchassem em Brasília gira em torno do trinômio competência, simplicidade e perseverança.

Raio X

Nome: Walter Bertolucci
Idade: 68 anos
Origem: Uberaba, Minas Gerais
Profissão: Mecânico e comerciante
Estado civil: Casado
Ano de chegada a Brasília: 1958.
Esposa: Maria Aparecida Bertolucci
Filhos: Marilda, Marilza, João Carlos, Ricardo, Malaquize, Marcelo, Eliane e Maria Luiza.
Netos: Daniel, Pâmela, Rafael, Liceli, Breno, Victor, Isabela, Frederico, Luiz Eduardo, Jéssica e Bruna